

# **Pausa e movimento em *Dois irmãos*: Uma leitura da percepção da espacialidade em Milton Hatoum**

Márcia Manir Miguel Feitosa\*  
Milena Coelho Lima\*\*  
Samara Santos Araújo\*\*\*

## **RESUMO:**

Este artigo objetiva a análise do romance *Dois irmãos*, do escritor manauense Milton Hatoum, sob o viés da Geografia Humanista Cultural, com destaque para as categorias espaço, lugar, “lugar-sem-lugaridade”, topofilia e experiência, a partir das relações experienciais das personagens Omar e Yaqub com o espaço circundante. Dardel, Bachelard, Yi-Fu Tuan e Relph são os principais teóricos que respaldam semelhante abordagem.

**Palavras-chave:** *Dois Irmãos*. Espaço. Lugar. Experiência

## **Introdução**

Lançado em 2000, o romance *Dois irmãos*, de Milton Hatoum, compõe o rol de premiações deste autor que detém uma série de prêmios nacionais e internacionais de grande relevância literária, como o Prêmio Jabuti de Literatura (1990, 2001 e 2006) e Portugal Telecom (2006). Entre suas obras premiadas, além de *Dois irmãos*, estão *Relato de um certo oriente*, de 1990, e *Cinzas do Norte*, de 2005.

Seu estilo literário filia-se à crítica-social que se traduz em narrativas conflituosas, dramas pessoais, familiares e sociais. Suas obras retratam quase sempre a cidade de Manaus, com seu espaço geográfico e cultural peculiar. Apesar disso, Hatoum não se sente um regionalista, alegando que seu trabalho literário consiste em imprimir um alcance universal aos dramas retratados. Em entrevista à *Folha de São Paulo*, ele explica que

a literatura regionalista já se esgotou há muito tempo. O regionalismo é uma visão muito estreita da geografia, do lugar, da linguagem. É uma camisa de força que encerra valores locais. Minha ideia é penetrar em questões locais, em dramas familiares, e dar um alcance universal para elas. O assunto, a matéria, não são garantias da boa narrativa. O que vale é a fartura da linguagem, a forma (HATOUM, 2005).

Com esse estilo próprio de escrever, Hatoum, em *Dois irmãos*, retrata com grande maestria e sutileza a relação conflituosa dos gêmeos Yaqub e Omar, filhos de um casal de libaneses, residente em Manaus.

Nessa cidade amazonense, “sem raízes, formada por estratos que se dissipam e desaparecem quase sem deixar vestígios” (LIMA, 2000), grande parte do enredo será ambientado, em um período que compreende os primeiros anos do século XX até

posteriormente ao golpe militar, atravessando, portanto, períodos cruciais da história brasileira.

Entretanto, outros locais também emergem para construir esse drama familiar e moldar seus personagens. São Paulo aparece, pois, com seu ritmo metropolitano e frenético, com incontestável seriedade e devoção ao trabalho, contrastando com a pequena aldeia bucólica e atrasada no Líbano, símbolo de saudades para uns e de desprezo para outros.

Apesar de a narrativa se estender por esses três espaços, Manaus está mais presente; é nela que os espaços mais pontuais são revelados, como a casa e seus cômodos, a escola e a rua, os quais interagem mais intimamente com as personagens, despertando em cada uma os mais controversos sentimentos.

O crítico literário Luis Costa Lima (2000), em artigo publicado na *Folha de São Paulo*, lembra que, se o leitor visse na “ambiência [deste] romance, o mero lugar onde uma história humana se desenrola”, então estaria bastante enganado, pois o espaço “[...] é aqui parte do conteúdo e tudo é forma”.

A história de intrigas entre os irmãos é o fio condutor da narrativa: os dois vivem uma relação de disputa, inveja, vingança e ciúme. Essa conturbada relação foi criada e nutrida a partir das atitudes de Zana, mãe dos gêmeos, que nunca escondeu sua predileção pelo gêmeo caçula Omar. Contudo, embora a trama se desenrole a partir da história dos irmãos, o enredo é bem mais do que o relato de um drama familiar. Ao tocar nesse ponto, o autor apresenta outras temáticas que marcam o caráter intercultural da obra, como o hibridismo cultural, a negociação cultural, os encontros interculturais e a aculturação, tão recorrentes na contemporaneidade. O texto de Milton Hatoum caminha ainda pela vertente da interdisciplinaridade, possibilitando o diálogo entre a literatura e outros campos disciplinares.

Logo, a obra permite uma variada gama de discussões e análises. Não obstante, a abordagem do presente artigo convergirá para o diálogo interdisciplinar entre a Literatura e a Geografia Humanista Cultural, esta fundamentada na fenomenologia existencialista que se sustenta na figura do homem enquanto ser no mundo e no espaço, local de existência e experiência humanas. Considera ainda que as ações humanas são indissociáveis do seu contexto físico, diferindo da Geografia Física que se concentra fundamentalmente no estudo das formas e dimensões geométricas do espaço.

A Geografia Humanista Cultural coloca em cena a resignificação do espaço geográfico, de forma que as categorias espaço e lugar sejam redefinidas com base na experiência humana. Além desses pressupostos, outros serão incorporados, de modo a responder a essas novas formas de estudo do meio, a exemplo das categorias de “lugar-sem lugaridade”, percepção, experiência e topofilia. É esse novo olhar geográfico mais atento às relações do homem com o meio que permite que a geografia dialogue com a filosofia, a arquitetura, a psicologia, o cinema e a literatura.

Em *Dois irmãos*, tal relação entre o homem e a espacialidade constitui um elemento importante na constituição da narrativa. O espaço se configura mais do que cenário: é nele

que as percepções, experiências, atitudes e visões de mundo das personagens são construídas.

Dessa maneira, o presente artigo abordará a relação conflituosa entre os gêmeos Omar e Yaqub a partir dos espaços físicos como locais de experiências vividas. Fundamenta-se, em especial, nos estudos teóricos de Eric Dardel, Gaston Bachelard, Yi-Fu Tuan, e Edward Relph, com vistas a responder aos seguintes questionamentos: Como se dá a relação dessas personagens com o espaço? Qual o efeito das interferências do espaço nas personagens? Como os gêmeos podem perceber os espaços por meio dos sentidos? Como as categorias da Geografia Humanista Cultural ajudam a definir as personagens?

### **A Geografia Humanista Cultural: pressupostos teóricos fundamentais**

A Geografia Humanista Cultural começa a ser desenvolvida nos Estados Unidos, mais precisamente a partir da década de 1960, inaugurando um novo olhar no contexto da ciência geográfica, a partir da cisão com o pensamento positivista e comportamentalista que fundamentou a Geografia Tradicional ou Clássica.

Os estudos geográficos inaugurados pela Geografia Humanista Cultural voltaram suas atenções às relações subjetivas do homem com o espaço geográfico. A ideia de que a ação humana não está separada do seu contexto físico ganhou força e norteou a configuração de um espaço mais humano, constituído pelos sentimentos, experiências e intencionalidades do homem em relação ao meio físico.

Com o desejo de entender esse “ser” definido a partir de suas experiências e emoções, tal vertente geográfica encontra na Fenomenologia, especialmente nos estudos de Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty, as reflexões necessárias para demonstrar que o homem/mundo precede a ciência. Nas palavras de Merleau-Ponty (1996, p. 19), “o mundo já está sempre ‘ali’, antes da reflexão, como uma presença inalienável” e nele se processa a relação intersubjetiva do homem com todas as coisas.

Por esse prisma, salienta Nogueira (2008), foi permitida a discussão direta da experiência humana tal como ela é. Assim, o mundo vivido, a experiência, a intencionalidade humana e o autoconhecimento são colocados em relevo, em detrimento do homem físico. A Fenomenologia contribuiu assim, acrescenta Besse (2006, p. 87), para “renovar, alargar e de fato dar mais complexidade às análises geográficas do espaço”.

Neste contexto de expansão da Fenomenologia, surge o trabalho do geógrafo francês Eric Dardel, considerado o precursor do estudo geográfico pautado nesta vertente filosófica. Em *O homem e a terra: natureza da realidade geográfica*, de 1952, Dardel ressalta a importância dada ao ser-no-mundo, a partir da ideia de que “a ‘situação’ de um homem supõe um ‘espaço’ onde ele ‘se move’; um conjunto de relações e de trocas; direções e distâncias que fixam de algum modo o lugar de sua existência” (DARDEL, 2011, p. 14). Portanto, constata Besse (2006), não se trata mais de uma questão puramente geográfica, senão ontológica.

Dessa forma, fica estabelecida a função essencial do lugar em relação à constituição do ser. Outros teóricos posteriores a Dardel tentaram discutir ainda mais a relação homem e espaço, com destaque para Bachelard e para dois dos principais responsáveis pela divulgação e ampliação dos estudos da Geografia Humanista Cultural: Yi-Fu Tuan e Edward Relph.

Em *A poética do espaço*, publicada pela primeira vez em 1957, Gaston Bachelard destaca que as reflexões acerca do espaço e da toponímia (estudo psicológico sistemático dos locais de intimidade) são de extrema relevância para o entendimento de toda consciência humana subjetiva, por estabelecer maneiras relacionais do sujeito com o espaço, seja por meio da memória, seja a partir da percepção e da experiência. Para o filósofo, o tempo vivido é irreversível, ao passo que a experiência espacial tende a resistir à fugacidade do tempo ao se realizar na continuidade:

Localizar uma lembrança no tempo não passa de uma preocupação de biógrafo e corresponde praticamente apenas a uma espécie de história externa, uma história para uso externo, para ser contada aos outros. Mais profunda que a biografia, a hermenêutica deve determinar os centros de destino, desembaraçando a história de seu tecido temporal conjuntivo que não atua sobre o nosso destino. Mais urgente que a determinação das datas é, para o conhecimento da intimidade, a localização nos espaços da nossa intimidade (BACHELARD, 2008, p. 29).

Já Yi-Fu Tuan, renomado geógrafo sino-americano, na referência básica de seus estudos, discute os conceitos de lugar, espaço, experiência e topofilia, fundamentais para a caracterização teórica da Geografia Humanista Cultural. É num espaço e num lugar que o homem pode perceber, agir, experienciar e conhecer a si mesmo. O homem se liga emocionalmente ao lugar, porque este representa segurança, intimidade e estabilidade. O espaço, por sua vez, simboliza amplidão em forma de ameaça, instiga o homem a “aventurar-se no desconhecido e experimentar o ilusório e o incerto” (TUAN, 2013, p. 18). É a liberdade desejada. Tais conceitos, Tuan conclui, estão tão intimamente relacionados, que não poderiam ser definidos separadamente.

Outra categoria problematizada por Tuan (2013, p. 18) é a “experiência”, que “implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência. Experienciar é aprender; significa atuar sobre o dado e criar a partir dele”. Nesse aspecto, um dado não pode ser conhecido em sua essência. Somente a realidade construída a partir dessa experiência e alicerçada no sentimento e no entendimento pode ser conhecida.

Por último, encontramos em Tuan (2012) o conceito de “topofilia”, termo já concebido anteriormente por Bachelard (2008), que tinha a pretensão do exame das imagens do “espaço feliz”. No entanto coube a Tuan (2012, p. 19) ampliar-lhe o significado ao entendê-lo como sendo “o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico [...]”. Porém, é uma ideia complexa, que não se manifesta do mesmo modo para todos, diferindo em intensidade, sutileza e modo de expressão, variando, como frisa Tuan, do “efêmero

prazer” de uma vista a sentimentos mais permanentes como o que se tem, por exemplo, em relação ao lar.

Significativo colaborador da Geografia Humanista Cultural é o geógrafo canadense Edward Relph. Segundo Holzer (2010), ao iniciar seus estudos da percepção do meio físico fora das bases positivistas e comportamentalistas, Relph mergulhou no estudo das relações do homem com a natureza, elegendo a categoria “lugar” como seu objeto de estudo, diferenciando-o de espaço a partir da experiência humana, pois “os espaços, todos adjetivados, uma vez apropriados, nomeados, se tornam lugares, ou melhor, os lugares, a partir das experiências antipredicativas, constituem os espaços” (HOLZER, 2010, p. 7).

Relph (2012) discute a ideia de que um lugar pode ser entendido por sua lugaridade, isto é, por suas qualidades constitutivas como autenticidade, sentido, espírito, raiz/enraizamento e interioridade. Conseqüentemente, ressalta também aqueles lugares desprovidos em absoluto dessa lugaridade, como os “não-lugares”. Aeroportos internacionais, supermercados e lanchonetes *fast food* são alguns exemplos citados por ele mesmo. Tal categoria se distingue de “lugar-sem-lugaridade”, que não seria uma oposição binária a lugar, mas uma gradação dos aspectos de lugaridade. Nas palavras do autor, “qualquer parte, não importa o quão uniforme possa ser, tem alguns elementos de lugar. Não importa quão forte seja o espírito do lugar, este possuirá alguns aspectos de ausência-de-lugaridade compartilhados com outros lugares” (RELPH, 2012, p. 25).

Assim as categorias de espaço, lugar, “lugar-sem-lugaridade”, experiência e topofilia, criadas ou ressignificadas pela Geografia Humanista Cultural, servem como base para o entendimento desse novo olhar geográfico sobre o homem, o espaço e a relação entre mundo vivido e ser-no-mundo.

### ***Dois irmãos sob o olhar da Geografia Humanista Cultural: a disputa dos gêmeos pelo espaço***

A trama do romance *Dois Irmãos* é tecida em espaços diversos: em Manaus, que já vivia um acentuado declínio econômico após a crise da borracha; São Paulo, que representava o progresso e a esperança de um exitoso futuro profissional e o Líbano, símbolo de saudades para alguns e olvido para outros. Esses espaços carregam em si outros espaços, os quais estabelecem relações mais íntimas com as personagens, como a casa da família, concretizada no quarto do filho Yaqub, o alpendre de Omar e a escola onde os gêmeos estudavam. Essa intimidade entre o lugar e as personagens é revelada por meio de sentimentos vários, como o amor, o ódio, a vingança e a paixão, constituindo uma relação subjetiva, afetiva e plural, essencial na construção da trama e das próprias personagens.

Conflitos entre irmãos é um tema que atravessa a própria história dos homens, seja no plano real, seja na ficção. O Velho Testamento revela o primeiro conflito fraternal da humanidade com a história de Caim e Abel. Ambos, entretanto, não eram gêmeos, como o foram Rômulo e Remo, que tiveram sua história retratada pelo poeta Virgílio (70 a 19 a.C) e pelo historiador Tito Lívio (64 a.C a 17 d. C). Segundo a narrativa, eles decidiram

fundar uma cidade, e, na luta pelo poder, Rômulo assassina o irmão e funda a cidade de Roma, que viria a se tornar a mais poderosa cidade da antiguidade clássica, berço da civilização ocidental.

Gêmeos também famosos são Esaú e Jacó, cuja história é contada no livro do Gênesis, revelando um mundo de intrigas, de lutas pelo poder, de inveja e traição entre os irmãos. Baseando-se na narrativa bíblica, Machado de Assis, em 1904, escreve *Esaú e Jacó*: a história de Pedro e Paulo, gêmeos idênticos que lutavam por causas distintas. Pedro, dissimulado, cauteloso e conservador, era um ferrenho defensor da monarquia que governava o Brasil, Paulo, por sua vez, deslumbrado, impetuoso e impulsivo, um republicano que apostava no estabelecimento da República.

A história dos gêmeos Yaqub e Omar assemelha-se, em muitos pontos, às mencionadas aqui. As origens de suas desavenças também se manifestaram desde muito cedo, já quando do nascimento em casa. Yaqub veio ao mundo primeiro, mais forte, sem grandes necessidades, por isso foi destinado aos cuidados de Domingas, a empregada da família, que lhe ofereceu “o amor de mãe postiça, incompleto, talvez impossível” (HATOUM, 2006, p. 50). Omar, ao contrário, tendo nascido com uma saúde frágil, cresceu cercado do zelo excessivo da mãe.

Yaqub e Omar, mais do que irmãos ou gêmeos fraternais, eram univitelineos, gerados a partir de um mesmo óvulo; compartilharam, pois, o mesmo espaço intrauterino, que se constituiu como um dos poucos que lhes deu proximidade, visto que irão passar a vida todo envoltos em acirradas disputas e desentendimentos: pela mulher amada, pelo amor dos pais e, em especial, pelo domínio dos espaços.

Assim, se um lugar, definido mais amplamente, é um centro de valor, de alimento e apoio, então “a mãe é o primeiro lugar da criança” (TUAN, 2013, p. 42). Logo, na disputa por lugares que travarão durante suas vidas, a mãe Zana é, de certa forma, o lugar da primeira contenda, pois

Zana se refestelava no convívio com o outro [Omar] levava-o para toda parte: passeios de bonde até a praça da Matriz, os bulevares, o Seringal Mirim, as chácaras da Vila Municipal; levava-o para ver os malabaristas do Gran Circo Mexicano, para brincar nos bailes infantis do Rio Negro Clube [...] [Enquanto] Domingas ficava com Yaqub, brincava com ele [...] o levava para outros lugares: praias formadas pela vazante, onde entravam nos barcos encalhados, abandonados na beira de um barranco [...] depois iam ver os animais e peixes na praça das Acácias (HATOUM, 2006, p. 50-51).

De modo que as experiências de Yaqub com a mãe não se configuraram por certo positivas. Sempre preterido em relação ao Caçula, faltou-lhe aquele “abrigo essencial e fonte segura de bem-estar físico e psicológico” (TUAN, 2013, p. 42), representado pela estabilidade e permanência da mãe junto à criança. Mesmo Domingas, com todo amor dispensado, não conseguiria suprir esse vazio de seus olhos.

Com experiências bastante diferentes, foram crescendo e desenvolvendo suas personalidades. Para Tuan (2013), a experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras por intermédio das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade. Desse modo, *Ipotesi, Juiz de Fora, v.18, n.2, p. 103-114, jul./dez. 2014*

Yaqub e Omar construíram realidades divergentes. Omar, sempre astuto, dono de si, absorvendo integralmente o amor da mãe, usurpando, assim, o lugar do irmão, e do próprio pai, que via no filho “um mimado egoísta” (HATOUM, 2006, p. 52). Essa disputa pelo espaço se estendeu da mãe para o ambiente da casa em Manaus, onde tanto Yaqub quanto Omar viviam. De acordo com Tuan (2013), as pessoas podem estar no mesmo lugar, mas experienciam mundos diversos de acordo com o espaço que ocupam. As localizações que um corpo ou um objeto ocupam no espaço são hierarquizadas, de modo que as posições frente, alto, exterior e vertical são mais importantes que atrás, baixo, interior e horizontal.

Sob esse ângulo, pode-se perceber a supremacia de Omar em relação a Yaqub no tocante ao espaço habitado, pois, enquanto Yaqub passava “dias e noites no *quarto*, sem dar um mergulho nos *igarapés*” (HATOUM, 2006, p. 25, grifo nosso), ocupando um espaço interior ou posterior, o que caracteriza inferioridade, Omar “já era presente demais: seu corpo estava ali, dormindo no *alpendre*” (HATOUM, 2006, p. 46, grifo nosso), o que revela supremacia ao ocupar o espaço frontal da casa, que “é basicamente visual, [...] nítido [...], ‘iluminado’ [e] pode ser visto; [enquanto] o espaço posterior é escuro” (TUAN, 2013, p. 55).

### **Libano: um lugar para esquecer**

Na condição de crianças, Yaqub e Omar iam convivendo segundo os próprios interesses, construindo seus mundos particulares na cidade de Manaus e na casa dos pais. No entanto, foi na adolescência que o grande cisma aconteceu. Ao se apaixonarem pela mesma garota, os gêmeos travaram uma forte relação de ciúmes, que culminou numa violenta briga, quando, numa certa noite,

Yaqub reservou uma cadeira para Livia e o Caçula desaprovou com o olhar esse gesto polido. [...] alguém abriu uma janela e a plateia viu os lábios de Livia grudados no rosto de Yaqub. Depois, o barulho de cadeiras atiradas no chão e o estouro de uma garrafa estilhaçada, e a estocada certa, rápida e furiosa do Caçula. O silêncio durou uns segundos. E então o grito de pânico de Livia ao olhar o rosto rasgado de Yaqub (HATOUM, 2006, p. 22).

Zana, por razões para ela mesma incompreensíveis, permitira o afastamento de Yaqub, e “durante anos Omar foi tratado como filho único, o único menino” (HATOUM, 2006, p. 12). Porém, para Yaqub, a solução fora cruel e desumana, visto que não tinha a intenção de deixar Manaus que representava seu lugar, por congrega a família, os amigos e Livia. Em uma passagem do texto, podemos sentir o quão difícil foi para o adolescente o abandono da terra natal em nome do isolamento naquela distante aldeia libanesa: “Tinha sido horrível. Fui obrigado a me separar de todos, de tudo... não queria” (HATOUM, 2006, p. 86).

Para Dardel, o afastamento ou o exílio “[...] tiram o ambiente do esquecimento e o fazem aparecer sob a forma de privação, de sofrimento [...]” (DARDEL, 2011, p. 34). Em *Ipotesi, Juiz de Fora, v.18, n.2, p. 103-114, jul./dez. 2014*

consonância com ele, Tuan (2012, p. 144) lembra que, “no transcurso do tempo, as pessoas investem parte de sua vida emocional em seu lar, e essas saídas abruptas faz-se perder o invólucro, que devido à familiaridade protege o ser humano das perplexidades do mundo exterior”.

Blanchot (2001, p. 77), ao analisar a personagem “o tipógrafo”, do livro *O Castelo*, de Franz Kafka, descreve o sentimento de exílio como um mundo de exclusão e separação radical:

uma renúncia forçada de seu mundo, “[...], portanto fora do alcance da salvação, (ele) pertence ao exílio, esse lugar onde não só não está em sua casa, mas está fora de si, no lado de fora que é uma região totalmente privada de intimidade, onde os seres parecem ausentes, onde tudo o que se crê aprender se esquivava à apreensão.

Essa privação imposta pela família, de separar Yaqub de seu lugar, o fez sentir-se um ser banido, vítima de “alguma coisa interrompida antes do tempo, bruscamente” (HATOUM, 2006, p.14). Era outra perda em sua vida, desta vez irreparável, a perda de seu lugar e, mais uma vez, o culpado era Omar, sempre Omar...

O sentimento de mágoa fica evidente em várias passagens do romance, quando, de sua volta ao Brasil, já adulto, um indivíduo taciturno e silencioso que não fazia o menor esforço para comentar sobre os cinco anos vividos naquele país. Em uma dessas passagens, durante um almoço em casa, seu vizinho libanês lhe pergunta: “Não sentes saudades do Líbano?”. E Yaqub responde com outra pergunta: “Que Líbano?”. Sob os olhares desconcertados dos convivas, continua:

Me mandaram para uma aldeia no sul, e o tempo, que passei lá, esqueci. É isso mesmo, já esqueci quase tudo: a aldeia, as pessoas, o nome da aldeia e o nome dos parentes. Só não esqueci a língua... (HATOUM, 2006, p. 88-89).

Bachelard (2008, p. 29) explica que os espaços pelos quais se sofre com a solidão são indelévels no ser, e não se deseja suprimi-los porque estes “espaços de solidão” são essenciais. Isso vai ao encontro das palavras de Yaqub, na medida em que seu “esquecimento” se reveste de um discurso vazio por não querer lembrar, por tentar apagar um passado obscuro e indigesto, de cujas experiências somente ele mesmo tem o que dizer. Nesse sentido “não lembrar” se caracteriza por “não esquecer”, pois as marcas desse lugar de exílio permaneceram em sua essência, dada a concretude da língua, elemento fundamental da formação identitária.

A respeito dessa situação de exílio experimentada por Yaqub, descortinamos em Dardel (2011) que o homem necessita se reconhecer no mundo circundante, por isso, quando é expatriado, se torna um ser desorientado, desconstruído de si. Tuan (2012), por seu turno, explana que a afeição a um lugar pode se dar em função do tempo que ali se passou, à proporção que vai se tornando inteiramente familiar. Ele explicita que “o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que melhor o conhecemos e o dotamos de valor” (TUAN, 2012, p.14). Mas, por outro lado, adverte

também que a familiaridade a um determinado lugar pode, em vez de afeição, despertar um sentimento de desprezo.

Desse modo, a aldeia libanesa, na qual Yaqub viveu dos treze aos dezoito anos, se constituiu para a personagem um “lugar-sem-lugaridade”. Os aspectos peculiares de que Relph (2012) se utiliza para caracterizar o lugar, tais como: localização, espírito de lugar, sentimento, raízes e enraizamento, interioridade, entre outros, se esmaecem e se perdem no desejo visceral de suprimir da memória as experiências lá vividas.

O Líbano não fora seu lar, pois neste se supõe que as "raízes são mais profundas e mais fortes" (RELPH, 2012, p. 24). Tampouco lhe produziu o sentimento de interioridade, que leva o homem a sentir que pertence àquele lugar. Nas raras vezes em que se dispôs a falar do assunto, Yaqub expressa o desencantamento pela aldeia libanesa.

### **De Manaus a São Paulo: a busca pelo lugar**

Depois dos cinco anos no sul do Líbano, Yaqub chega a Manaus e, "no caminho do aeroporto para casa, [...] se emocionou com a visão dos barcos coloridos, atracados às margens dos igarapés por onde ele, o irmão e o pai haviam navegado numa canoa coberta de palha" (HATOUM, 2006, p. 13). Ele revivia sua história naquele momento ao encontrar-se com o lugar de sua infância, pois

não podemos reviver as durações abolidas. Só podemos pensá-las, pensá-las na linha de um tempo abstrato privado de qualquer espessura. É pelo espaço, é no espaço que encontramos os belos fósseis de duração concretizados por longas permanências (BACHELARD, 2008, p. 28-29).

O encontro emocionado com essa paisagem da infância prometia ser o ponto de partida da reconciliação com a família, sobretudo com o irmão e com o lugar. Como forma de acolher o filho, Zana preparou

o quarto para Yaqub com uma cadeira austríaca, um guarda-roupa de aguanó e uma estante com os dezoito volumes de uma enciclopédia que Halim comprara de um magistrado aposentado. Um vaso com tajás enfeitava um canto do quarto perto da janela aberta para a rua (HATOUM, 2006, p. 18).

No entanto, Yaqub já não conseguia se prender àquelas raízes, “seu entusiasmo para redescobrir certas pessoas, paisagens, cheiros e sabores era logo sufocado pela lembrança de uma ruptura” (HATOUM, 2006, p. 87). Ele desprezava “as festas juninas, a dança do tipiti, os campeonatos de remo, os bailes a bordo dos navios italianos e os jogos de futebol no Parque Amazonense” (HATOUM, 2006, p. 25).

Aos poucos o sentimento de topofilia por Manaus vai esmaecendo-se, ou seja, os laços afetivos com o lugar vão se desfazendo, principalmente com a própria casa, a qual, como afirma Bachelard (2008) é o nosso canto no mundo, é o local da nossa estabilidade, mas para Yaqub ela deixou de ser um lugar de acolhimento e de experiências mais íntimas, se traduzindo, portanto, em instabilidade e insegurança, pois “Omar esteve sempre por ali, *Ipotesi, Juiz de Fora, v.18, n.2, p. 103-114, jul./dez. 2014*

expandindo sua presença na casa para apagar a existência de Yaqub” (HATOUM, 2006, p. 46). Logo, assim como foi o Líbano, a casa e a cidade de Manaus tornaram-se para Yaqub “lugar-sem-lugaridade”.

Essa não lugaridade gerou em Yaqub o desejo de aventurar-se no desconhecido, pois "o lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro" (TUAN, 2013, p. 11). É, ademais, a busca pela liberdade, mas, sobretudo, por um lugar que o incita a deixar Manaus e seguir para São Paulo: “Enfrentou a resistência da mãe quando informou, no natal de 1949, que ia embora de Manaus” (HATOUM, 2006, p. 30), e “Viajou calado, deixando a casa que ele ocupara com parcimônia e discrição. Era pouco mais que uma sombra habitando um lugar [...]” (HATOUM, 2006, p. 35).

São Paulo representava um novo espaço: amplo, promissor, desenvolvido, capaz de abarcar os novos anseios de Yaqub e, assim, enraizá-lo a ponto de tornar-se lugar. Ao deixar Manaus, Yaqub começava por usar “a máscara do que havia de mais moderno no outro lado do Brasil” (HATOUM, 2006, p. 45). Ingressou na Universidade de São Paulo, onde estudou engenharia, tornando-se “um politécnico, calculista de estruturas” e, aos poucos, já o frio e a solidão paulistanos não o incomodavam mais.

Assim, Yaqub, esse homem racional e criterioso, esse exímio enxadrista desenvolveu por São Paulo uma relação topofílica e, nos “burburinhos do viaduto do Chá”, em meio aos “sisudos engravatados”, os quais tanto venerava, Yaqub pôde sentir-se em casa e encontrar seu lugar. Foi ali que se sofisticou e preparou-se “para dar o bote: uma minhoca que quer ser serpente [...]” (HATOUM, 2006, p. 45), arquitetando a jogada final que culminaria na vingança contra o irmão de sangue.

## Conclusão

O fio condutor a mover a análise ora desenvolvida do romance *Dois irmãos* cruzou a fronteira da literatura e desembocou nos postulados teóricos da Geografia Humanista Cultural onde encontrou um porto instigante de reflexão. Pudemos constatar, ao longo da leitura da espacialidade nas linhas poéticas de Hatoum, que o trânsito por diversos espaços, empreendido por um dos gêmeos protagonistas da história, revela o quanto a obra dialoga com os espaços culturais de Manaus, Líbano e São Paulo, expondo e transpondo para as páginas em branco as nuances de um drama familiar regado a conflitos por vezes insustentáveis.

Das categorias que sustentam o aporte teórico da Geografia Humanista Cultural identificamos a presença significativa do espaço, do lugar e do “lugar-sem-lugaridade” a compor a caracterização do personagem Yaqub na sua relação com o irmão gêmeo Omar, a mãe Zana e o pai Halim e, singularmente, com a empregada Domingas, mãe do narrador da história dessa família libanesa em terras do Amazonas.

Nosso olhar convergiu para Yaqub, haja vista a complexidade psicológica e comportamental da personagem no tocante aos espaços de ocupação: seu exílio forçado

numa aldeia libanesa, o retorno à Manaus destituída do aconchego uterino e a adoção de São Paulo como o berço do acolhimento.

Entre a pausa e o movimento, entre o desapego e o abandono, se inscreve a genialidade e a inventividade de um dos nossos maiores escritores de língua portuguesa na contemporaneidade. *Dois irmãos* é prova disso.

## Pause and movement in *Dois Irmãos*: a view of Milton Hatoum's spatiality perception

### ABSTRACT:

This paper has the goal of analyzing the novel *Dois Irmãos*, from the writer from Manaus, Milton Hatoum, under the bias of Cultural Humanist Geography, outstanding the space, place, placelessness, "topofilia" and experience categories, through the experimental relationships of the characters Omar and Yaqub as surrounding space. Dardel, Bachelard, Yi-Fu Tuan and Relph are the main researchers the support an likewise approach.

**Keywords:** *Dois Irmãos*. Space. Place. Experience.

### Notas explicativas

\*Doutora em Letras/Literatura Portuguesa (USP). Pós-doutoranda (Universidade de Lisboa).

\*\*Mestranda em Letras (UFMA).

\*\*\* Mestranda em Letras (UFMA).

### Referências

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BESSE, Jean-Marc. *Ver a Terra*: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BLANCHOT, Maurice. *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

DARDEL, Eric. *O homem e a terra*: natureza da realidade geográfica. São Paulo: perspectiva, 2011.

HATOUM, Milton. *Dois irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. Cinzas que queimam. Entrevista concedida à *Folha de São Paulo*, em 13 de agosto de 2005. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1308200507.htm>>. Acesso em: 17 abr. 2014.

HOLZER, Werther. A influência de Eric Dardel na construção da Geografia Humanista Norte Americana. Encontro Nacional de Geógrafos – ENG, 16, 2010, Porto Alegre. *Anais...* Porto Alegre: AGB, 2010.

LIMA, Luiz Costa. A ilha flutuante. Caderno Mais!, *Folha de S.Paulo*, 24 de setembro de 2000. Disponível em <<http://www.miltonhatoum.com.br/sobre-autor/criticas-artigos/a-ilha-flutuante-por-luiz-costa-lima-caderno-mais-folha-de-s-paulo-24-de-setembro-de-2000>>. Acesso em: 17 abr. 2014.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.  
NOGUEIRA, Amélia Regina Batista. Uma interpretação fenomenológica na Geografia. In: SILVA, Aldo A. Dantas da Silva; GALEANO, Alex. (Org.). *Geografia do complexus: ensaios transdisciplinares*. Porto Alegre: Sulina, 2008.

RELPH, Edward. Reflexões sobre a Emergência, aspectos e essência de lugar. In: MARÂNDOLA Jr.; WERTHER, Holzer; OLIVEIRA, Livia (Org.). *Qual é o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia*. Perspectiva: São Paulo, 2012.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: da um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Londrina: Eduel, 2012.

\_\_\_\_\_. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Londrina: Eduel, 2013.

Recebido em: 25 de abril de 2014.

Aprovado em: 07 de maio de 2015.